

ABISMO DE FURNAS

ABISMO DE FURNAS

Peter Slavec — CAP

Descendo a estrada que vai pelo Vale do Betari, de Apiaí para a cidade de Iporanga, chega-se ao lugarejo FURNAS, que servia de alojamento para os mineiros da escavação da galeria naquela região. A quinze minutos de Furnas chega-se até o abismo, ainda não explorado antes.

Localização do abismo:

Longitude: 48° 43' 17"W
Latitude: 24° 31' 40"S
Altitude: 580 m/snm
Datas exploração: 27.01.74/9.03.74/14.06.75
Desenvolvimento total: 574 m

O abismo de Furnas tem uma boca com um diâmetro de uns 5 m na parte mais estreita e 7 m na parte larga. A entrada apresenta um declive de uns 140° durante os primeiros 15 metros e os restantes 45 m apresentam uma descida vertical, em maior parte longe da parede. O total do abismo é de 60,5 m.

Chegando-se ao fundo, começa uma das mais bonitas grutas que já visitamos, tendo uma extensão de 514 m. Há muito pequena possibilidade de encontrar continuação de alguma das galerias, embora haja sinais de entrada de barro e folhas em dois túneis no fim da gruta que podem entrar com fortes chuvas. A direção destes dois túneis aponta para o Vale do Rio Betari de frente para a Gruta de Água Suja.

Os principais salões são: Salão do Guardião, Salão do Buda e Sala das Ossadas. Há uma coleção enorme de todos os tipos de formações como helictites, agulhas, flores, vulcões, peras, enormes colunas em várias tonalidades, etc..

Não se encontra água corrente, mas há pequenas poças com água suficiente para alimentar os geradores. Há necessidade de comunicação imediata e constante com o exterior, para o que usamos um telefone. É recomendável ainda o uso de roldanas para descida e subida de material.

O interessante é notar a diferença da temperatura entre a entrada do abismo e o fundo conforme escala abaixo:

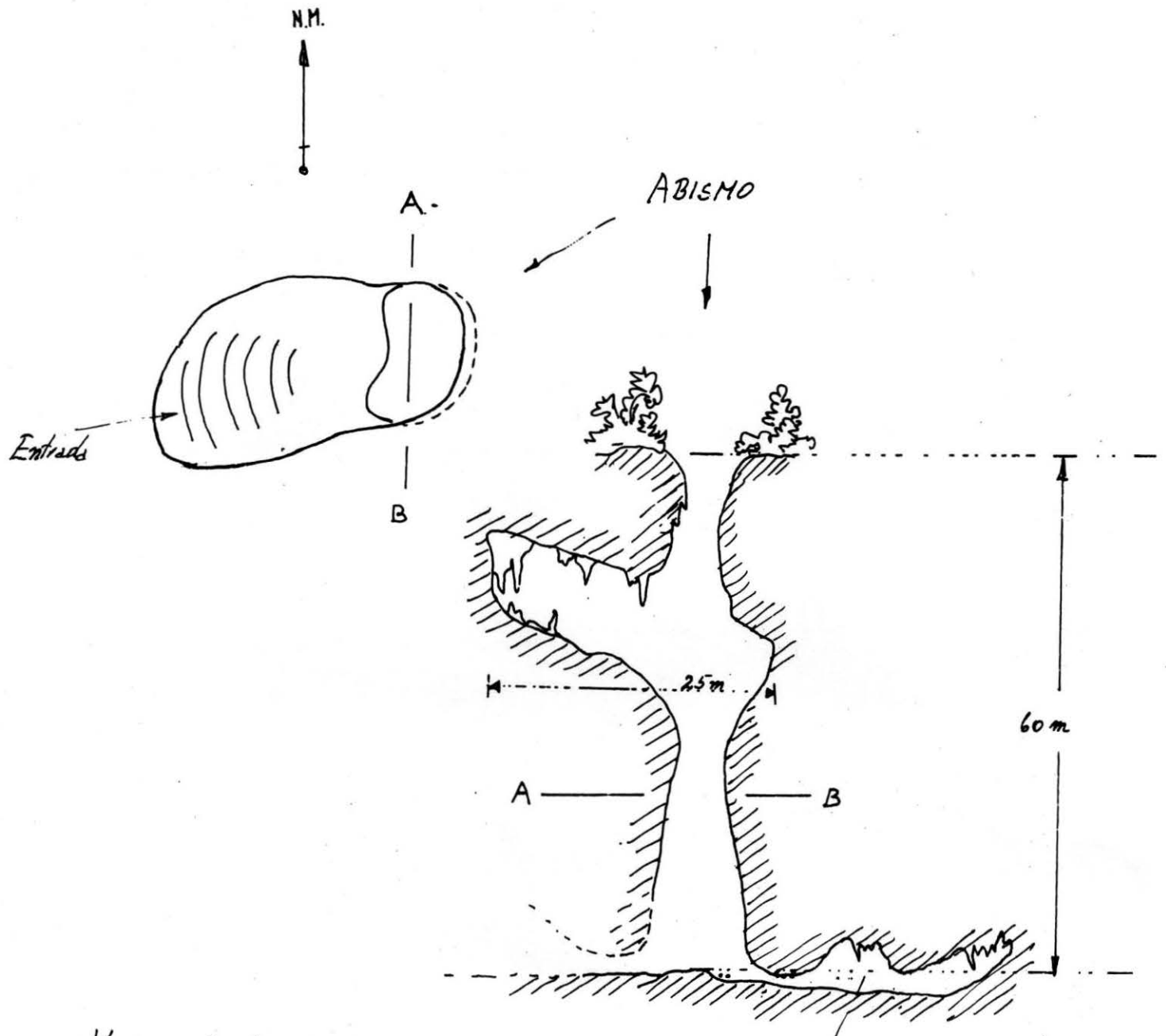
Temperatura do ar no exterior (na boca)	= 29° C
" " " 10 m de profundidade	= 21° C
" " " 30 m " "	= 19° C
" " " 60 m " "	= 17° C
Umidade relativa dentro da gruta	= 55%

Os principais exploradores foram:

Descoberta:	Florentino Hilda M. de Britto Peter Slavec
Exploração:	Lao Holland José Luiz Vasquez Yusti Peter Slavec Jonathan Thorton Ricardo Fernandes de Souza Max Haim William Richard Wylle Leonel Brites Alvaro Bento de Jesus

Não encontramos vestígios de contacto com outras rochas nem espécimes de fauna ou flora a não ser no fundo do abismo, destacando-se um tipo de rã que parece estar normalmente em estado de hibernação; fica aderida às rochas úmidas, em geral verticais; mesmo tocando-a, dificilmente se move.

Descendo uma vez ao fundo com as escadas, chega-se a tocar o chão exatamente no centro do abismo, do lado direito encontra-se a Sala das Ossadas, onde se encontra um esqueleto de um pequeno quadrúpede calcificado em uma camada cristalizada de calcita. As helictites e estalactites se encontram em grande profusão, incluindo formações de calcita e aragonita. Sendo muito bonitas para fotografar, sugerimos que entre nesta sala apenas uma pessoa por vez, pois a condensação da umidade é muito grande e difícil de sair.



Varição de temperatura :

Na entrada : 29°C - 570 m. s.n.m.
 21°C - 560 m. s.n.m.
 19°C - 540 m s.n.m.
 No fundo : 17°C - 510 m s.n.m.

Salão das Ossadas



Foto: Peter Slavec

Abismo de Furnas — Iporanga — S. P.

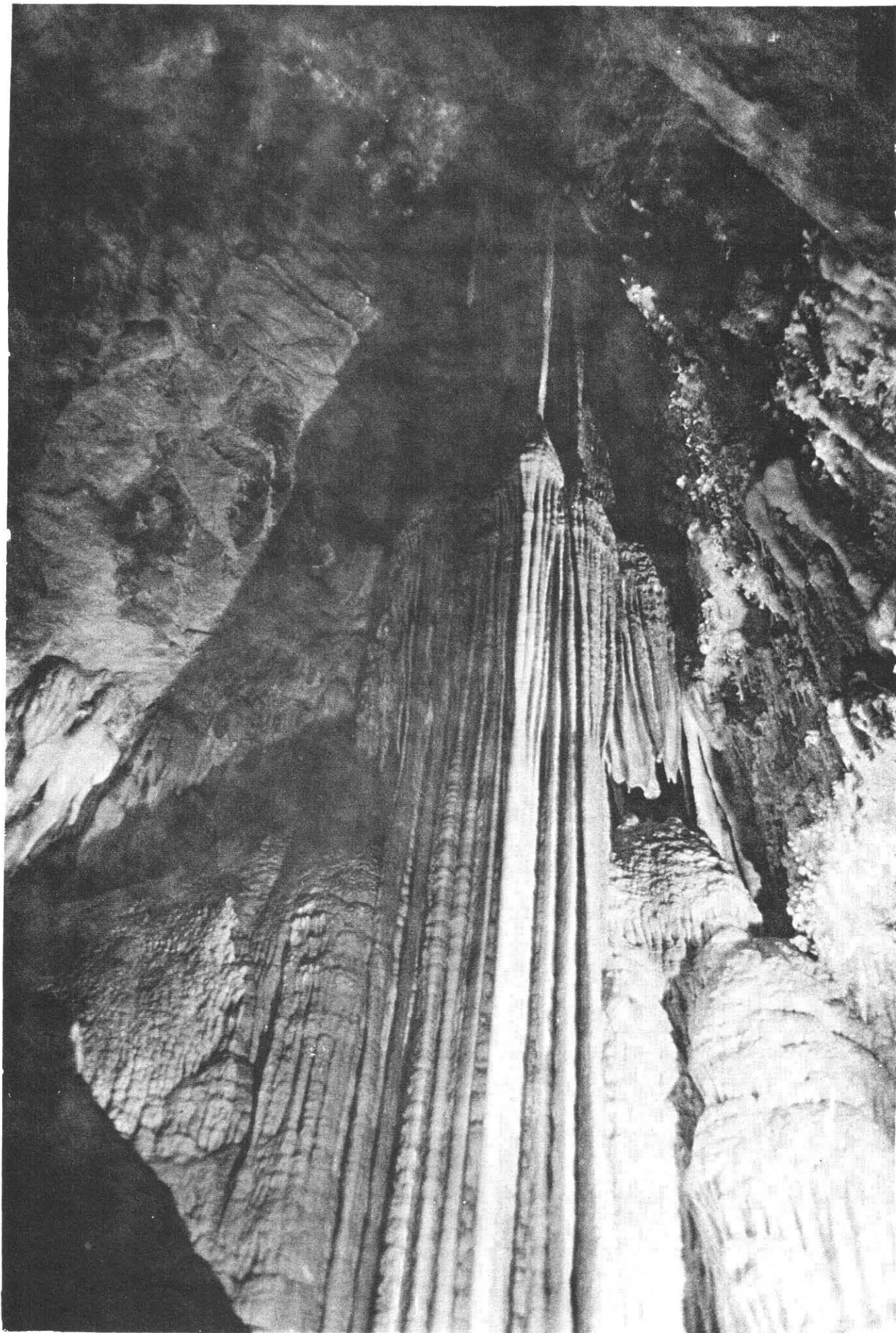


Foto: Lao Holland

Salão do Guardião, Abismo de Furnas — S. P.

No sentido contrário à Sala das Ossadas, temos o Salão do Guardiã, que é uma coluna colada à parede de aproximadamente 30 m de altura. Pela mesma, escorre água em grande quantidade. Na parte mais baixa deste salão encontra-se um leito antigo, coberto por pedregulhos com água temporária, porém não dá continuação à caverna. Do lado esquerdo deste salão se encontra o verdadeiro desenvolvimento da gruta; consiste em primeira parte de um longo túnel com paredes verticais escavadas por água, vendo-se várias camadas de estratificação do calcário; passando em seguida por uma passagem estreita do lado direito, chega-se ao Salão do Buda, que tem seu teto em forma de abóboda com aproximadamente 45 m de altura. O Salão é bem ornamentado, especialmente por colunas brancas e avermelhadas, fazendo um bonito contraste. Quase metade do chão é formado por piso calcificado, como se fosse uma enorme cascata de pedra. O lado leste do Salão apresenta grande desmoronamento, no fundo do qual está o leito seco do córrego. Uma formação característica calcificada é uma espécie de coluna oca em forma de um sino ou capela, com diâmetro interno de aproximadamente 1,5 m × 1,5 m. Chama-se Capela do Buda.

Prosseguindo na direção geral do desenvolvimento da caverna, temos um chão e o teto inclinados, com fratura de aproximadamente 30° oeste apresentando no teto inúmeras fendas, que deram origem a milhares de helictites e estalagmites de formas mais curiosas. No fundo da gruta encontra-se ainda vulcões, formações pouco comuns. Aparentemente, apresenta uma crosta de barro solidificado; não queríamos quebrar nenhum, assim não vimos sua formação interior. O chão ao redor também é de argila proveniente das águas de chuva, vindas pelos dois túneis laterais. A gruta merece novas explorações à procura de novas galerias.

CAVERNAS DO OURO GROSSO

Clayton Ferreira Lino - CEU

Sábado - 1.º de setembro de 1973

Eram 7:10 hs e da plataforma 25 da Rodoviária de São Paulo saía o ônibus rumo a APIAÍ, abarrotado de mochilas, e sete passageiros eram espeleólogos do Centro Excursionista Universitário.

No mesmo horário, saía da sede do C.E.U., um volks com mais dois participantes e outro exagero em bagagem. Na 2.ª feira mais dois se uniram a eles. Assim começa a história da exploração e conquista da Gruta Ouro Grosso.

O planejamento da expedição já era bem anterior e os preparativos da mesma se estendiam em termos de técnicas de alpinismo, curso de primeiros socorros, estudo de cardápio... etc... Mais antiga ainda é a história da Gruta, que conhecida oficialmente desde o século passado (Krone), vem desafiando e frustrando aqueles que tentaram atravessá-la.

Em 1968, Michel Le Bret e companheiros fizeram a primeira conquista importante, atingindo a gruta pelo abismo próximo ao sumidouro do córrego Ouro Grosso. Esse abismo com um total de 113 m de desnível com lances livres de até 40 m, recebeu em cadastro a sigla SP-56 e o nome do seu conquistador.

Já as explorações pela Gruta Pierre, cuja entrada fica a poucos metros da ressurgência do rio, sempre se viram frustradas por obstáculos que variavam entre "Quebra-corpos" e passagens estreitas, até poços de natação e cachoeiras.

O Clube Alpino Paulista (CAP) já havia atingido e ultrapassado a "cachoeira do Leque", a 160 m da entrada. O C.E.U., em expedição feita em 1973, parou no entanto, a menos de 50 m dela, em uma cachoeira de 7 m que parecia impossível de ser escalada. Depois disso o C.E.U. só tivera expedições de reconhecimento, biologia e geologia.

Na expedição de setembro de 1973 planejamos para o domingo uma excursão de treinamento aos novatos na Gruta Alambari de Baixo. Já na segunda-feira enquanto uma equipe especial cuidava dos preparativos para Ouro Grosso, inclusive a construção de uma escada de madeira que nos ajudaria a ultrapassar a 1.ª grande cachoeira, o restante dos participantes desenvolviam trabalhos na Gruta Alambari de Cima.

Como o rancho da S.E.B. estava ocupado por outro grupo, acertamos com um morador da região que se dispôs em nos alugar uma casa sua que estava vazia.

Com a chegada de dois outros colegas, completamos a equipe que foi dividida em 3 para os trabalhos do dia seguinte (3.ª feira).

Três novatos aproveitaram a oportunidade de conhecer a caverna de Santana, voltando para São Paulo na 4.ª feira. O restante do pessoal foi dividido em 2 equipes de 4 pessoas que se dirigiram à Caverna Ouro Grosso, uma pela Abismo Michel Le Bret e outra pela Gruta Pierre, próxima à ressurgência.

A equipe que penetraria o abismo, formada por Beck, Pizza, Martin e Edson, foi planejada de modo a acampar na entrada da Gruta, só voltando ao alojamento após o final da exploração. O sr. Vandir, guia da região, levou os até a entrada superior e após a montagem do acampamento e preparativos gerais, teve início a exploração. Desde o princípio houve problemas com um equipamento individual, o que fazia com que um dos participantes estivesse constantemente sem iluminação. Uma série de problemas envolveram a exploração, sendo o principal deles a falta de escadas espeleológicas, cuja soma de 60 m não foi o suficiente para que atingissem algum patamar de onde pudessem ser atingido, em escalada, o fundo do abismo. Apesar da insistência na procura de outras descidas possíveis, nada encontraram e na 6.ª feira voltaram para o alojamento.